

Magnolia ovata (A.St.-Hil.) Spreng.

(baguaçu, canela do brejo, pinha brava, pinha do brejo, uvaguaçu)

Família: Magnoliaceae

Sinônimos: *Magnolia fragrantissima* , *Talauma dubia* , *Talauma ovata*

Endêmica: sim⁷

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica⁷

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana, Silvicultura

A pinha do brejo é uma árvore com até 30 m de altura, que por suas flores brancas, grandes, vistosas e cheirosas é indicada para o paisagismo em geral. Adaptada a terrenos brejosos, suporta inundação e encharcamento. Por isso, é também recomendada para projetos de restauração em matas ciliares. Seu tronco é reto ou pouco sinuoso, com casca externa lisa e marrom. Suas folhas são coriáceas, verde-escuras na parte superior e verde-pálidas na face inferior. Sua madeira é leve, indicada para construção civil, obras de carpintaria e principalmente empregada na indústria de embalagens e caixotaria em geral.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (artefatos, construção civil, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (recurso para fauna, medicinal, ornamental, alcalóides, óleo, saponina, substâncias tanantes)^{3,4,1,2}

Características gerais

Porte: altura 10.0-30.0m DAP 50-130cm^{3,2,5}

Cor da floração: branca^{2,8}

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida²

A produtividade volumétrica máxima registrada em plantios é 15,45 metros cúbicos, por hectare, por ano, aos 15 anos.

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{4,1,5,2}

Sistema radicular: Pivotante^{2,4}

Formato da copa: Globosa^{4,2}

Diâmetro da copa: 8m³

Alinhamento do tronco: Reto²

Superfície do tronco: Lisa^{1,2}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)²

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim²

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas^{4,2}

Essa espécie é recomendada para revegetação de áreas de depleção (antropisadas) e inundados de reservatórios e rios (CARVALHO, 2003). Ocorre exclusivamente em matas de galeria inundáveis (SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Clímax^{16,5,11,12}

Polinizadores: Besouros (MORELLATO, 1991), especialmente o Augoderia (SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).^{1,8,4}

Período de floração: outubro a dezembro^{2,9,8}

Outubro (SPINA et al., 2001); novembro a dezembro (MORELLATO, 1991; CARVALHO, 2003).

Tipo de dispersão: Autocórica, Barocórica, Hidrocórica, Zoocórica^{9,5,2,14}

Agentes dispersores: Aves.^{4,2,5,6}

Período de frutificação: junho a fevereiro^{8,2,9}

Junho; outubro a fevereiro (SPINA et al., 2001); agosto a novembro (MORELLATO, 1991; CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: não¹⁷

Ausência de micorriza arbuscular.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{10,5}

Colheita de frutos quando iniciarem abertura espontânea, verificada pela exposição do arilo vermelho das sementes (LORENZI, 2002). Depois da coleta, os frutos deverão ser colocados em local ventilado e sombreado para completar a abertura, liberação e secagem do arilo aderente à semente, o qual deverá ser removido (OLIVEIRA et al., 2005).

Tipo de semente: Recalcitrante^{11,12,15}

Tratamento para germinação: Imersão em água^{13,11}

Imersão das sementes em água à temperatura ambiente (25°C) por 48 horas.

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{2,5,10}

Duas sementes para cada recipiente, sacos de polietileno ou tubetes grandes (CARVALHO, 2003). As mudas devem ser mantidas em áreas sombreadas e são sensíveis ao transplante (LORENZI, 2002), mas em caso de germinação na sementeira (OLIVEIRA et al., 2005), a repicagem pode ser realizada 2 a 3 semanas após a germinação (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 15 a 100 dias^{2,4,1,10,5}

Taxa de germinação: 30 a 91%^{4,2,10,11}

Número de sementes por peso: 4000/kg^{4,5,11}

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra^{2,12}

Tolera sombreamento leve a moderado na fase juvenil.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Manual técnico de arborização urbana. São Paulo, 2005. 48 p.

⁴ SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.

⁵ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

- ⁶ CAZETA, E.; RUBIM, P.; LUNARDI, V. de O.; FRANCISCO M. R.; GALETTI, M. Frugivoria e dispersão de sementes de *Talauma ovata* (Magnoliaceae) no sudeste brasileiro. *Ararajuba, Seropédica*, v. 10, n. 2, p. 199-206, dez. 2002.
- ⁷ MELLO-SILVA, R. Magnoliaceae. In: *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2013.
- ⁸ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.
- ⁹ SPINA, A. P.; FERREIRA, W. M.; LEITÃO FILHO, H. F. Floração, frutificação e síndrome de dispersão de uma comunidade de floresta de brejo na região de Campinas (SP). *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 15, n. 3, p. 349-368, 2001.
- ¹⁰ OLIVEIRA, M. C. de; PEREIRA, D. J. de S.; RIBEIRO, J. F. Viveiro e produção de mudas de algumas espécies arbóreas nativas do Cerrado. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2005. 76 p. (Documentos, 147).
- ¹¹ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.
- ¹² CARVALHO, L. R. de; SILVA, E. A. A. da; DAVIDE, A. C. Classificação de sementes florestais quanto ao comportamento no armazenamento. *Revista Brasileira de Sementes*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 15-25, 2006.
- ¹³ FOWLER, J. A. P.; BIANCHETTI, A. Dormência em sementes florestais. Colombo: Embrapa Florestas, 2000. 27 p. (Documentos, 40).
- ¹⁴ ZIPPARRO, V. B.; GUILHERME, F. A. G.; ALMEIDA-SCABRIA, R. J.; MORELLATO, L. P. C. Levantamento Florístico de Floresta Atlântica no Sul do Estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 5, n. 1, 2005.
- ¹⁵ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).
- ¹⁶ GANDOLFI, S.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulhos, SP. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 753-767, 1995.
- ¹⁷ CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. *Cerne*, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.